

CECÍLIA E ALFONSO: EDUCAÇÃO E INTERCÂMBIO CULTURAL EM DIÁLOGOS EPISTOLARES BRASIL-MÉXICO (1930-1936)¹

■ JUSSARA SANTOS PIMENTA

<https://orcid.org/0000-0002-5283-2509>

Universidade Federal de Rondônia

RESUMO

Investigar os diálogos tecidos entre Cecília Meireles e Alfonso Reyes entre os anos de 1931 e 1940 é o propósito deste estudo. Reyes, poeta, ensaísta, tradutor mexicano e embaixador no Brasil, entre 1930 e 1936, estabeleceu com Cecília uma profunda interlocução a partir de interesses comuns: literatura e educação. As 16 cartas que resultaram desse intercâmbio, a maioria dos primeiros tempos da amizade, podem ser encontradas no acervo da Capilla Alfonsina, no México. Reyes foi o construtor de uma sólida ponte cultural e literária entre o México e o Brasil e em meio às tarefas de caráter político e burocrático que teve que desempenhar, difundiu a cultura do seu país e contribuiu para estimular a discussão de políticas de paz e aproximação entre o Brasil e os países hispano-americanos. Teve obras e conferências veiculadas e comentadas na “Página de Educação” e colaborou na organização da biblioteca infantil. Ainda que se reconheça a afetividade e a admiração presentes na escrita epistolar, percebe-se um certo distanciamento respeitoso e as cartas de Cecília a Alfonso registram um menor grau de intimidade e confidencialidade.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Alfonso Reyes. Diálogo epistolar. Intercâmbio México-Brasil.

ABSTRACT

CECÍLIA AND ALFONSO: EDUCATION AND CULTURAL EXCHANGE IN BRAZIL-MEXICO EPISTOLARY DIALOGUES (1930-1936)

Investigating the dialogues woven between Cecília Meireles and Alfonso Reyes between the years 1931 to 1940 is the purpose of this study. Reyes, poet, essayist, Mexican translator and ambassador to

¹ Pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj): Processo nº E-26/202.359/2021 – Programa Pós-Doutorado Sênior (PDS – 2021), realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Vigência: 01/10/2021 a 30/09/2022.

Brazil between 1930 and 1936, established a deep dialogue with Cecília based on common interests: literature and education. The 16 letters that resulted from this exchange, most of them from the early days of the friendship, can be found in the Capilla Alfonsina, in Mexico. Reyes was the builder of a solid cultural and literary bridge between Mexico and Brazil, and in the midst of the political and bureaucratic tasks that he had to perform, he spread the culture of his country and contributed to stimulating the discussion of policies of peace and approximation. between Brazil and Spanish-American countries. He had works and conferences published and commented on the “Página de Educação” and collaborated in the organization of the children’s library. Although we recognize the affection and admiration present in the epistolary writing, a certain respectful detachment is perceived and Cecília’s letters to Alfonso register a lower degree of intimacy and confidentiality.

Keywords: Cecília Meireles. Alfonso Reyes. Epistolary dialogue. Exchange México-Brasil.

RESUMEN

CECÍLIA Y ALFONSO: EDUCACIÓN E INTERCAMBIO CULTURAL EN LOS DIÁLOGOS EPISTOLARES BRASIL-MÉXICO (1930-1936)

Indagar en los diálogos tejidos entre Cecília Meireles y Alfonso Reyes entre los años 1931 a 1940 es el propósito de este estudio. Reyes, poeta, ensayista, traductor mexicano y embajador en Brasil entre 1930 y 1936, estableció con Cecília un diálogo profundo a partir de intereses comunes: la literatura y la educación. Las 16 cartas que resultaron de este intercambio, la mayoría de ellas de los inicios de la amistad, se encuentran en la Capilla Alfonsina, en México. Reyes fue el constructor de una sólida puente cultural y literaria entre México y Brasil, y en medio de las tareas políticas y burocráticas que le tocó realizar, difundió la cultura de su país y contribuyó a estimular la discusión de políticas de paz y aproximación entre Brasil y los países hispanoamericanos. Publicó y tuvo sus obras y conferencias comentadas en la “Página de Educação” y colaboró en la organización de la biblioteca infantil. Aunque reconocemos el cariño y la admiración presentes en la escritura epistolar, se percibe un cierto desapego respetuoso y las cartas de Cecília a Alfonso registran un menor grado de intimidad y confidencialidad.

Palabras clave: Cecilia Meireles. Alfonso Reyes. Diálogo epistolar. Intercambio México-Brasil.

Introdução

Me dijiste un día: – ¡Qué intensa y rara ha de aparecer nuestra vida a los que mañana se asomen a contemplarla con amor!

(ALFONSO REYES, 1986, p. 9).

Em meados dos anos 1940, Alfonso Reyes era “[...] o epicentro de uma vasta rede epistolar, que incluía ensaístas, poetas, historiadores, sociólogos, pintores e críticos de arte – entre muitas outras especialidades intelectuais” residentes em países como Cuba, Venezuela, Colômbia, Argentina, Peru, México, Espanha e Brasil, como afirmado por Myers (2005, p. 51). Essa vasta produção epistolar pode ser encontrada na Capilla Alfonsina, localizada na Ciudad de México, antiga residência do embaixador mexicano e sua família. Dentre os correspondentes brasileiros, figuram nomes como Renato Almeida, Gilberto Amado, Mario de Andrade, Jorge Amado, Oswald de Andrade, Cyro dos Anjos, Manuel Bandeira, Aurélio Buarque de Hollanda, Anna Amélia Carneiro de Mendonça, Ronald de Carvalho, Assis Chateaubriand, Afrânio Coutinho, Gilberto Freire, Graça Aranha, Celso Kelly, Carlos Lacerda, Aníbal Machado, Afrânio de Melo Franco, Felipe de Oliveira, Afrânio Peixoto, Cândido Portinari, Augusto Frederico Schmidt, Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), Di Cavalcanti, Getúlio Vargas e Cecília Meireles. O mais expressivo volume de cartas de correspondentes oriundos do Brasil pertence: a Renato Almeida (32 folios); a Tristão de Athayde (29 folios); a Afrânio Peixoto (26 folios); a Di Cavalcanti (19 folios); à Cecília Meireles (com 16 cartas, um convite, um desenho, um bilhete); e à Anna Amélia Carneiro de Mendonça (14 folios).

Por sua vez, Cecília Meireles também se correspondeu com bastante intensidade com literatos e educadores das Américas e da Europa. Entretanto, tem-se apenas informação sobre as cartas enviadas por ela a determina-

dos destinatários por terem sido preservadas por instituições, espólios e colecionadores e publicadas em livros e periódicos. Sendo assim, tem-se informações apenas sobre esses correspondentes e não se tem acesso às cartas recebidas por Cecília fato que levaria a outros destinatários e a outros acervos. Manuscritas e datilografadas, as cartas da poeta dispersas em diferentes instituições foram alvo de um levantamento iniciado em 2007 e atualizado em 2022 (PIMENTA, 2008), que localizou um quantitativo de 716 cartas e ainda poemas, cartões, postais e desenhos depositados em instituições como Biblioteca Nacional de Lisboa, Biblioteca Municipal do Porto, Capilla Alfonsina, Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (USP), Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Casa de Rui Barbosa, Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, Museu João de Deus, Fundação Mário Soares, Biblioteca de Harvard, Biblioteca Nacional Digital de Chile, Fundação Calouste Gulbenkian, em espólios e em poder de colecionadores. As cartas incluem destinatários como: Adolfo Casais Monteiro, Afonso Duarte, Alberto de Serpa, Alfonso Reyes, Armando Côrtes-Rodrigues, Armando Côrtes-Rodrigues, Carlos Queiroz, Diogo de Macedo, Diogo de Macedo, Fernanda de Castro, Fernando de Azevedo, Gabriela Mistral, Henriqueta Lisboa, Irene Lisboa, Isabel do Prado, Jaime Cortesão, João Afonso, João de Barros, José Osório de Oliveira, José Régio, Maria Dulce Lupi Cohen Osório de Castro (Maria Valupi), Maria Helena Vieira da Silva/Arpad Szenes, Mário de Andrade, Natércia Freire, Manuel Mendes, Luis de Montalvor, Raquel Bastos, Manuel Mendes, Carlos de Passos, José Bruges de Oliveira, Lúcia Machado de Almeida e Vitorino Nemésio. Destas, 293 cartas foram publicadas, sendo mais expres-

sivo o epistolário de Cecília Meireles ao poeta Armando Côrtes-Rodrigues, num total de 246 cartas reunidas e publicadas por Celestino Sachtet em *A lição do poema* (1998). Outras foram publicadas em livros como *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*; *Cartas a João de Barros*; *Cruzeiro do Sul, a Norte: estudos luso-brasileiros*; *Cecília e Mário – correspondências*; e periódicos como *Diário dos Açores*, *Minas Gerais*, *Jornal de Letras*, *Colóquio/Letras* e *Terceira Margem: Revista do Centro de Estudos Brasileiros*.

Em diferentes áreas de conhecimento e abordagens, foram produzidos trabalhos que interrogam as cartas de Cecília para os seus muitos correspondentes. Foram objeto de teses e dissertações nas áreas de Letras, História e Educação entre as quais destacamos: Paiva (2006); Pimenta (2008); Viana (2012); Silva (2012); Mendes (2013); Sampaio (2013); Ferreira (2014); Prates (2020); Sena (2021); e Silva (2021). No Brasil, as cartas de Alfonso Reyes foram estudadas por Silva (2012), Sampaio (2013) e Silva (2021). Tomadas como espaço autobiográfico, as cartas são importantes veículos que possibilitam encurtar distâncias e ausências, diminuir as saudades, estreitar laços de afeto e companheirismo, trocar confidências, expectativas, desejos e dificuldades. Para Cecília, elas foram o lugar por excelência da colaboração com processos criativos, com a tradução e a publicação de obras no Brasil e no exterior, com as viagens empreendidas e a empreender, com os projetos educacionais em comum, bem com os intercâmbios interculturais almejados e tecidos entre os correspondentes. Diferentes trabalhos destacam essas trocas e o que foi tratado nas muitas cartas breves ou longas, mas sempre intensas, bem-humoradas e poéticas da inúmera Cecília. Naquelas enviadas para Lúcia Machado de Almeida, Henriqueta Lisboa e Isabel do Prado, Mendes (2013), Sampaio (2013) e Prates (2020) assinalam questões

como intensidade, intimismo e assiduidade no desenrolar do processo criativo que culminou na escrita do *Romanceiro da Inconfidência*, publicado em 1953. A primeira viagem a Portugal foi articulada em cartas para Fernanda de Castro e José Osório de Oliveira e outros amigos portugueses, como apontado por Pimenta (2008). Já Sena (2021), analisa o intercâmbio epistolar com Maria Valupi em que Cecília se alonga sobre os processos que culminaram com a publicação de *Olhinhos de gato*, na *Revista Ocidente*, em Portugal (1938-1940). As correspondências entre Cecília e Alfonso foram discutidas em trabalhos como os de Robb (1980), Ellison (2002), Crespo (2003), Sampaio (2018) e Silva (2018).

Interrogar correspondências como objeto privilegiado de investigação, de acordo com Violi (1987, p. 87), impõe-nos, imediatamente um problema que precisamos definir: “[...] es posible aislar una carta, o un epistolario como conjunto de cartas escritas por una misma persona, independientemente del intercambio epistolar en que se inscriben?”. No caso das cartas de Cecília Meireles a Alfonso Reyes – como para todos os demais –, não podemos deixar de destacar que dispomos daquelas escritas pela poeta e recebidas por Reyes, sendo assim, temos que inferir que elas existem – talvez até mesmo em profusão – em algum lugar do acervo da poeta brasileira, mas que não se encontram disponíveis para consulta, fato que impõe que tenhamos considerações a partir de uma única fonte, qual seja, as cartas arquivadas por Alfonso Reyes.² Como afirma Violi (1987, p. 89), “[...] ambos sujetos no están jamás presentes al mismo tiempo; la presencia real del uno tan sólo puede acompañarse de la reconstrucción imaginaria del otro, en un

2 No Arquivo de Darcy Damasceno da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, existem duas cartas de Alfonso Reyes para Cecília Meireles, uma das quais, inclusive, agradecendo o recebimento da obra *Nunca Mais... e Poema dos Poemas*.

tiempo y lugar distintos, nunca compartidos”. Ainda segundo a autora:

La carta no es sólo una forma textual que permite intercambiar información; además de su contenido, además de lo que ‘efetivamente’ disse, la carta siempre disse, contemporaneamente, algo más: habla por sí misma, revela e lacto de haber sido escrita, testimonia sua propio ser en cuanto carta (VIOLI, 1987, p. 91).

Segue-se, portanto, que analisar encontros epistolares ou mesmo um conjunto de cartas arquivadas por um dos participantes do diálogo, permite-nos inferir sobre os tempos, os modos, as tendências, as circunstâncias em que foram tecidos e nos permite “[...] delinear o perfil dos seus autores, suas preferências e seus gostos, reconstituir o universo cultural e o momento histórico, a inserção política e social dos correspondentes” (PIMENTA, 2017, p. 344). Afinal, a troca de cartas entre parceiros de trabalhos, familiares e sobretudo amigos possibilita entrever “[...] uma prática de amizade materializada na escrita marcada pelas impressões de leituras, entre aqueles que se consideravam mutuamente leitores qualificados” (MIGNOT, 2005, p. 51). Sendo assim, interrogar as cartas de Cecília para Alfonso, permite-nos acompanhar parte do que foi debatido pelos dois amigos naquele espaço íntimo que oportunizou confidências, planejamento de ações em conjunto, testemunho de acontecimentos, troca de impressões sobre livros emprestados e lidos, envio de recortes de jornais, conferências apresentadas e até mesmo espaço franqueado a críticas e gracejos sobre desafetos em comum.

Vestígios e sinais: encontros fortuitos?

Llegamos. Encuentro la casa de la embajada deplorable, inservible, ya va a ser difícil explicarlo, porque esto fue lo que escogió el presi-

dente Ortiz Rubio cuando era embajador aquí! El encargado de negocios Herrera de Huerta y su familia hacen lo posible durante todo el tiempo para comunicarme un negro pesimismo sobre cuanto hay en esta tierra. Resultado: on m’a flanqué une neurasthénie atroce. No sé qué hacer, estoy desconcertado y triste. Con deseo hasta de abandonar la carrera. Echo de menos mis cosas de Buenos Aires. Mi vida. He empezado a desempacar, y las fotos de Buenos Aires y mis amigos de allá, conforme van apareciendo, me confortan. Inmensa tristeza. (REYES, A. Santos, 6 de abril de 1930. 2011, p. 3).

Essas são as impressões registradas no *Diário III*, de Alfonso Reyes, que contém apontamentos que vão de 5 de abril de 1930, quando desembarcou com a família no porto de Santos, e vai até 30 de junho de 1936, em Montevideo, após o término de sua missão diplomática no Brasil. A primeira impressão de Reyes, em 1927, quando esteve no Brasil a caminho da Argentina, foi de admiração pela paisagem exuberante. Entretanto, depois de sua experiência na Europa, culturalmente efervescente, da Argentina onde encontrou um cenário intelectual estimulante, as suas impressões sobre o Rio de Janeiro são bastante decepcionantes, como relata no seu diário e em uma carta ao amigo Carlos Pellicer: “es cierto que apenas llego, pero ¡qué diferencia en París, en Buenos Aires. (...) no he tenido el gusto de ver a una sola persona que valga la pena” (REYES, 05/04/1930). A cidade lhe pareceu demasiadamente colonial. Pensou em rescindir o contrato e se mudar para outra casa, mas constatou que todas eram “malas y caras” (REYES, 2011, p. 3) e assim decidiu iniciar a decoração, desempacotar os livros, enfim, tornar o ambiente habitável, apesar dos poucos recursos de que dispunha para a empreitada e ainda sem conhecidos com quem pudesse travar diálogos estimulantes como os que se habituara até então em suas andanças como embaixador.

No *Diário*, os apontamentos dos primeiros dias são quase que telegráficos: para se distrair, vai até ao Teatro Casino, “primer teatro brasileño que veo”, assiste a uma “revista con certa gracia”. Mais à frente, inicia a arrumação das estantes e reinicia o trabalho literário: “Mi pluma alerta. Adelante otra vez” (REYES, 2011, p. 6). Menciona o início de suas atividades como embaixador quando apresenta as suas credenciais ao presidente Washington Luís, faz visitas a altos funcionários do governo e a periódicos brasileiros (REYES, 2011, p. 9). Completa 41 anos em 17 de maio, vai a exposições, escreve aos amigos, assiste à primeira aterrissagem do Zeppelin no Rio de Janeiro e em junho conhece Ronald de Carvalho, que foi quem o colocou em contato com a intelectualidade brasileira e possibilitou o acesso à Fundação Graça Aranha, onde presenciou “[...] una de las primeras manifestaciones del nacionalismo literario en el Brasil” (REYES, *apud* ELLISON, 2002, p. 49). Tão logo essa primeira apatia se desvaneceu, Alfonso Reyes principiou a sua descoberta do Brasil, da sua cultura, das particularidades linguísticas específicas, “[...] considerando a sua bifurcação inevitável no que se poderia definir como duas Américas distintas, a hispânica e a portuguesa (parentes, mas não irmãs)” (MYERS, 2005, p. 198-199). De acordo com Crespo (2003, p. 199):

À medida que se envolvia nas atividades culturais e políticas do País, Reyes se deu conta de que seu panorama cultural e político era muito mais complexo do que havia pensado e que, por trás do que parecia uma falta de interesse com relação ao exterior, havia um importante movimento nacional de produção cultural e artística. Mais que isso, havia uma preocupação generalizada entre os intelectuais e artistas com os quais passou a conviver em compreender e explicar seu próprio país, o povo brasileiro e sua cultura.

A amizade que principiara com Ronald de Carvalho³ contribuiu para o incremento e a

construção da rede de sociabilidade brasileira de Alfonso Reyes, pois os dois intelectuais estavam ligados por amizades comuns. Carvalho era amigo do educador mexicano José de Vasconcelos e tinha visitado o México, a convite deste quando foi recebido como hóspede de honra no país.

Seu primeiro contato – a quem solicitou ajuda para orientar-se no novo meio cultural – foi Ronald de Carvalho, velho amigo de Vasconcelos e também conhecedor do México. Por meio dele pôde vincular-se à Fundação Graça Aranha, iniciando alguns contatos literários que foram além do mero convívio social que acompanha as funções rotineiras de um diplomata. Embora seu círculo carioca de amizades literárias pareça ter sido menos extenso que aqueles que formara na Espanha ou na Argentina – a barreira do idioma certamente influiu –, Reyes estabeleceu ligações sólidas com algumas das figuras mais importantes do espaço cultural brasileiro. (MYERS, 2005, p. 46).

Ronald de Carvalho foi quem recebeu José Vasconcelos para o Centenário da Independência do Brasil, em 1922, e mais tarde recebeu o convite de José Vasconcelos e do governo mexicano para ministrar palestras e conhecer as transformações operadas no país, sobretudo a obra educacional que Vasconcelos vinha realizando. “A partir dessa viagem, o México passou a fazer parte de algumas de suas obras, como *Toda a América* (1926) e *Imagens do México* (1929). Na primeira reclama a solidariedade continental, antecipando um dos assuntos que mais preocupava Alfonso Reyes durante

ros era (...) “meramente ornamental”, Ronald excedia em interesses. Desde adolescente, lia em francês, inglês, italiano, alemão e russo; era íntimo de Homero, Goethe e Ibsen; discutia com os filósofos sobre Spinoza, Kant e Leibniz; e se dedicava tanto à sociologia, matemática e biologia quanto à história, geografia e literatura. Com todo esse cartel, pareceu apenas natural que, com pouco mais de 20 anos, fosse nomeado para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores – Graça Aranha, que o conhecera em Paris por intermédio de Alceu Amoroso Lima, era diplomata e o indicara, convencido de que o Itamaraty não podia passar sem Ronald de Carvalho (CASTRO, 2019, p. 67).

³ Numa época em que a educação dos jovens brasilei-

a década de 30” (ALONSO, 2021, p. 29). O livro *Toda a América*, de Ronald de Carvalho, nasceu a partir das viagens do poeta brasileiro pelas três Américas em 1923, a serviço do Itamaraty:

Todo o livro era uma exaltação, inclusive das mazelas do continente: América violenta, do cavalo selvagem do caudilho, do punhal dos generais, da fogueira dos linchamentos, dos imperadores banidos, dos Presidentes degolados/ [...]/América dos barões e dos escravos, do ladrão e do capitão-mor, do santo e do herói”. E, numa rara referência pessoal, citando seu pai, mandado fuzilar por Floriano Peixoto na Revolta da Armada, em 1894: ‘Eu vivo todas as tuas indisciplinas, a tua cultura, a tua barbárie, as tuas pirâmides e os teus arranha-céus/As tuas pedras de sacrifício e os teus calendários, os teus pronunciamentos e a tua boa-fé puritana./ América livre do terror/América dos meus avós guerreiros e construtores/América do meu pai, que morreu pelo Rei’. (CASTRO, 2019, p. 155-156).

Ronald de Carvalho também tinha proximidade com os literatos portugueses e foi, juntamente com Luiz de Montalvô, o diretor brasileiro da *Orpheu – Revista Trimestral de Literatura*, cujo diretor era Antônio Ferro. O primeiro número, de janeiro-fevereiro-março de 1915, trazia contribuições de Almada Negreiros, Mario de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Armando Côrtes-Rodrigues, Mário de Sá Carneiro, Ronald de Carvalho e Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa, com os poemas “Opiário” e “Ode Triunfal”). Ao lado de literatos como João de Barros, João do Rio, Carlos Malheiro, José Osório de Oliveira e Correia Dias, Ronald de Carvalho é apontado por Saraiva (1986) como um dos intelectuais que mais “[...] se distinguiram no campo da aproximação (...) entre Brasil e Portugal no decurso da segunda e terceira décadas do século XX” (SARAIVA, 1986, p. 93). Ronald e os demais poetas eram amigos, contemporâneos do primeiro marido de Cecília Meireles, Fernando Correia Dias “[...] caricaturista, pintor, gravador, ceramista, escultor, vitralista, decorador e dese-

nhista de móveis, tapetes, azulejos e de tudo que pudesse ganhar vida a partir de um rabisco” (CASTRO, 2019, p. 235). Ainda de acordo com Castro (2019, p. 235), Ronald e Correia Dias se conheceram em Lisboa em 1913. Correia chegou ao Brasil em 1914 e “Ronald foi recebê-lo no cais quando ele chegou ao Rio, um ano depois, e abriu-lhe as portas da revista *Fon Fon!*. Foi o único impulso de que Fernando Correia Dias precisou - seu talento fez o resto. Tinha 22 anos” (CASTRO, 2019, p. 235).

No Brasil, as tratativas de Reyes com Ronald de Carvalho vão desde a organização do Pen Club brasileiro sob a presidência de Tristão da Cunha e da publicação de *El testimonio de Juan Peña*, pela Imprensa Nacional, à escrita de um documento sobre as origens das relações diplomáticas entre México e Brasil para “[...] la Colección del Archivo Diplomático Mexicano que dirige Genaro Estrada em México” (REYES, 2011, p. 14). A rede de sociabilidade incluía literatos e intelectuais ligados à diplomacia, foi responsável por apresentar Correia Dias à intelectualidade brasileira, às revistas e jornais e, mais tarde, foi quem promoveu o encontro de Alfonso Reyes com o casal Fernando e Cecília Meireles, primeiro contato possivelmente acontecido numa recepção oferecida por Gregorio Reynolds, na Legação da Bolívia:

Havia um escritor que todos os salões disputavam – dos de Laurinda Santo Lôbo, Eugenia e Alvaro Moreyra e Coelho Netto, aos da Academia Brasileira de Letras, a que ele não pertencia, e do Itamaraty, que era sua segunda casa, até o da sua própria casa, no Humaitá. Os mais velhos o tinham como filho; os mais novos, como um irmão. ‘Exato como um erudito e fino como um artista’, dizia dele Aggripino Grieco – um dos poucos que Grieco poupava de suas frases mortíferas. Chamava-se Ronald de Carvalho. (CASTRO, 2019, p. 201).

Estavam presentes na recepção do encarregado de negócios da Bolívia poetas, como Capdevila, Alfonso Reyes, Villaespesa, Ronald

de Carvalho, Anna Amélia, Gregorio Reynold e Cecília Meirelles. Na ocasião “em que se reuniram mentalidades de diversos países na comunhão da arte e do pensamento que sagra todas as criaturas irmãs ‘viveu-se’ a poesia, mas não se disse um verso”, diz a legenda da caricatura que Correia Dias fez dos presentes à festa, publicada na coluna “No Lar e na Sociedade” do *Diário de Notícias* (20/07/1930, p. 7). Provavelmente, a partir daquele primeiro contato, iniciaram-se os laços de afeto e de trocas intelectuais entre Cecília e Alfonso. Entre os dois novos amigos, havia muitos pontos de contato – literatura e educação – e logo diálogos começaram a ser tecidos e caminhos a serem percorridos.

Alfonso Reyes, “escritor por vocación, diplomático por ofício, político por obligación e inteligente por naturaleza”, como afirma César Benedicto Callejas (s/d), participara de um projeto inovador em seu país, ao lado de José Vasconcelos, Pedro Henríquez Ureña, Diego Rivera, David Alfaro Siqueiros, Antonio Caso e outros, todos eles ligados ao *Ateneo de la Juventud*. Esse grupo amplo de intelectuais tinha por objetivo, a partir da admiração pela Grécia, combater o ideário porfirista⁴ e tornar o México revolucionário, um país moderno focando na cultura, elemento relevante para a reconstrução nacional e o desenvolvimento educacional do povo. Os integrantes do *Ateneo de la Juventud* (1906-1914), “[...] lograron proyectar su modo de entender la cultura mexicana sobre los jóvenes discípulos que, claramente, constituyeron en su tiempo la prolongación del espíritu ateneísta” (GARCÍA GUTTÉRREZ, 1998, p. 275). O movimento foi responsável pela criação de universidades, concertos, confe-

rências e publicações. Reyes esteve, portanto, desde muito cedo, “[...] comprometido com a política mantida pelos sucessivos governos revolucionários no México, o que implicava seu apoio à causa anticlerical na luta entre Igreja e regime” (MYERS, 2005, p. 47). Ele vinha atuando como representante diplomático do México na Espanha, entre 1920 e 1924, na França, de 1925 a 1927, na Argentina, de 1927 a 1930, e acabara de chegar ao Brasil, nomeado embaixador extraordinário e plenipotenciário do México no Brasil no cargo deixado por Pascual Ortiz Rubio, que se tornara presidente do país. No Brasil, Reyes permaneceu como embaixador até 1936, retornando à Argentina logo depois.

Já Cecília, com apenas 29 anos, vinha se afirmando e firmando como poeta e participava de revistas como *Festa* (1ª Fase), *Terra de Sol* e *Árvore*, publicara os livros de poemas *Espectros*, *Nunca Mais... Poema dos Poemas* e *Baladas para El-Rei*. O livro *Criança, meu amor*, de 1923, fora adotado no ano seguinte pela Diretoria de Instrução Pública do Rio de Janeiro e aprovado pelo Conselho Superior de Ensino dos estados de Minas Gerais e Pernambuco, e também lançara *O espírito vitorioso*, tese apresentada ao concurso de professor catedrático da cadeira de Literatura da Escola Normal do Distrito Federal em 1929. Também despontava como jornalista no *Diário de Notícias* com a “Página de Educação” e a “Página das Crianças”, que começara a circular há pouco mais de um mês, tornando-se, a partir daquele momento, uma das mais persistentes e perseverantes defensoras dos preceitos da Escola Nova, ao lado de intelectuais como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Frota Pessôa e Lourenço Filho, com os quais assinaria dois anos depois o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. De acordo com Castro (2019), Meireles tinha um desempenho diferenciado em relação às mulheres do seu tempo, já que possuía independência financeira, o que permitia

4 Relativo a José de la Cruz Porfirio Díaz Mori (1830-1915), Militar e político mexicano, foi presidente da República, esteve no poder por mais de três décadas – período ditatorial conhecido por Porfiriato. Apesar de promover estabilidade política e a modernização do país, reprimiu os opositores do seu regime.

que ela frequentasse, mesmo que desacompanhada, as “redações de revistas, escritórios, cafés e outros ambientes tradicionalmente reservados aos homens” como o “Café Gaúcho, na rua São José”. Mesmo depois do casamento com Correia Dias, esse *status* não foi alterado, o que fazia deles “um dos casais mais ‘modernos’ do Rio”, cuja casa, junto ao morro de São Carlos, no Estácio, era um ponto de encontro dos amigos literatos (CASTRO, p. 235).

Às cartas

Una buena correspondencia es el resultado de la reunión de factores favorables: el hábito de escribir cartas, el alejamiento circunstancial de los amigos que sustituyen con este recurso la conversación, y el hecho de que tengan cosas interesantes que decirse y las escriban bien. (MARTÍNEZ, 1986, p. 9).

Poucos meses após o encontro na cerimônia da Delegação da Bolívia, tem início a correspondência de Cecília Meireles e Alfonso Reyes, mas é bem possível que ambos tenham se encontrado em outras oportunidades em conferências e outros compromissos sociais. Manuscritas e datadas de março de 1931 a 1936, inicialmente enviadas quando Reyes ainda estava no Brasil, as últimas foram enviadas quando Cecília esteve no México, perfazem um total de 16 documentos.⁵ As cartas estão distribuídas cronologicamente da seguinte forma: uma carta em 1931; seis cartas em 1932 e 1933; uma carta em 1934; uma em 1935; e duas em 1940.

As cartas geralmente são escritas buscando uma presença: “[...] para hacer-se presente al outro, para que se acuerde de nosotros, pero, por encima de todo, para que el otro se nos haga presente a nosotros mismos” (VIO-

LI, 1987, p. 97). Devido ao cuidado de Alfonso com as correspondências recebidas de muitos destinatários de diferentes países, é possível que esta seja mesmo a primeira carta enviada por Cecília. Datada de 16 de março de 1931, ela agradece “encantada” o empréstimo de o “Testimonio de Juan Peña”, de autoria de Reyes, publicado no Rio de Janeiro no ano anterior. Aproveita para enviar o “Commentario” (MEIRELES, 06/03/1931, p. 7), publicado no *Diário de Notícias*, com impressões sobre a obra e a “pretexto de sua admiração”:

Encarei-o sob esse aspecto para ficar dentro do espírito da ‘Página’ que dirijo, e onde tantas vezes tenho escrito sobre a tua terra admirável que é, para mim, um exemplo e uma inspiração, nesta hora de transformação da humanidade. De desejo de transformação, pelo menos... Ainda reterei comigo por mais alguns dias – se mo permitir – os três livros sobre o ensino no México, e aquela coleção magnífica que tão gentilmente me emprestou. Não os pude ler mais depressa, porque andei meditando sobre cada linha (MEIRELES, 16 de março de 1931).

Em consulta à “Página de Educação”, é possível constatar a presença do México e da obra de Alfonso Reyes em muitas ocasiões. A obra de Vasconcelos era conhecida pelos educadores brasileiros e era tida como ponto de referência. Como Myers (2005) afirma, a curiosidade dos brasileiros pela obra educacional mexicana e era “natural ter curiosidade, indagações e solicitação de informações e obras” para quem “esteve enfronhado na mesma”. O embaixador não era apenas um cidadão que estava a par de informações sobre os acontecimentos, “mas alguém que tinha tido participação e possuía dados privilegiados sobre o que foi implantado no México e sobretudo, vivência desses fatos”. As afinidades entre eram evidentes e, sendo assim, Alfonso e Cecília prontamente “identificaram questões comuns aos dois e a possibilidade de amizade e diálogos literários e educacionais” (MYERS, 2005, p. 47).

⁵ É provável que nos anos 1930 Cecília não dispusesse de máquina de datilografia em sua residência. As cartas desse período são manuscritas e as dos anos seguintes são datilografadas em sua grande maioria.

O encontro entre os dois intelectuais e essa recíproca afinidade produziram diferentes inserções de temas mexicanos na “Página de Educação”. De julho, quando se conheceram, até dezembro de 1930, pelo menos dez alusões à educação do México estão presentes, seja em reportagens, seja sob a forma de “Commentario”, seja em matérias em que foram exploradas diferentes perspectivas da educação mexicana. Nas cartas, Cecília recebia e agradecia as “publicações da Secretaria de Educação do México, verdadeiramente preciosas para o estudo da situação do ensino em seu país” (MEIRELES, 5/05/1932) e também obras de Reyes como *El Maestro Rural*⁶ que “trouxe uma hora de alegria e de esperança na vitória dos esforços com que nós, os que trabalhamos, havemos de dar ao mundo uma fisionomia diversa” (MEIRELES, 01/07/1932). Ela se refere a outras publicações emprestadas por Alfonso: *Burgos e Navidad*;⁷ *Pulgarcito*;⁸ *El libro y el pueblo*;⁹ *El Maestro rural*;¹⁰ *Voto por la Universidad del Norte*;¹¹ o discurso de Bassols sobre a Escola Normal de México;¹²

e a *A Vuelta de Correo*¹³ são algumas das obras mencionadas nas cartas.

Se o México e a sua educação eram presenças importantes nas cartas de Cecília ao embaixador, também era na “Página de Educação”, seja nas crônicas da coluna “Comentario”, seja em notícias e artigos. Reyes teria escrito sobre a “Página”: “Siempre busco esse rincón amigo del periódico, y nunca salgo defraudado” (MEIRELES, 5 de maio de 1932), confirmando à amiga que lia e acompanhava a publicação regularmente. Como um intelectual ligado à rede de sociabilidade construída em meios literários e educacionais Reyes ofereceu suporte aos empreendimentos organizados e liderados por Cecília Meireles: a “Página de Educação” do *Diário de Notícias* e a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco (PIMENTA, 2011).

De julho a dezembro de 1930, foram publicados uma crônica, intitulada “Educação artística e nacionalizadora”, e mais oito artigos; em 1931, oito crônicas (“Adaptações” sobre a Casa do Estudante Indígena, “A experiência alheia”; “Uma recordação da juventude”, “O exemplo do México”, “O professor para a escola rural”, “Discurso por Virgílio” (em duas datas), “México e Brasil”) e mais seis artigos; e, em 1932, foram publicadas mais oito crônicas (“Pulgarcito”, “Fraternidade”, “Sobre um discurso de Alfonso Reyes”, “Atenea Política”, “Para Alfonso Reyes”;¹⁴ “À margem de uma Conferência”, “Esse glorioso México” e “A extensão das pátrias”) e outros oito artigos que complementam o destaque dado nas crônicas como em “Alfonso Reyes – O intercâmbio universitário e a obra

6 “Las revistas *El Maestro Rural* y la *Revista de Educación* fueron editadas durante el Maximato y el Cardenismo.” Ver: RUIZ LAGIER, Verónica. *El Maestro Rural y la Revista de Educación. El sueño de transformar al país desde la editorial. Signos Históricos*, núm. 29, enero-junio, 2013, pp. 36-63. Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa. Distrito Federal, México.

7 Obras de Alfonso Reyes: *Horas de Burgos* (1932) e *Fuga de Navidad* (1929).

8 Certamente os números de “Pulgarcito” ficaram muito tempo com Cecília. A carta é de 8 de dezembro de 1932 e o *Commentario* intitulado “Pulgarcito” é de 19 de janeiro de 1932. Ver: MEIRELES, 19/01/1932, p. 4.

9 “El libro y el pueblo”: trata-se de publicação do Departamento de Bibliotecas da Secretaria de Educação do México. Ver crônica: MEIRELES, 10/01/1933, p. 6.

10 Grifo de Cecília Meireles.

11 Obra de Alfonso Reyes, *Voto por la Universidad del Norte* (1933). Grifo de Cecília Meireles.

12 Narciso Barrera-Bassols (1897-1959), advogado mexicano, político socialista, foi embaixador na França, União Soviética e Reino Unido, professor de direito na Universidade Nacional do México. Cofundador do Partido Popular e da Liga de Ação Política. É mais conhecido por seu papel na socialização do sistema de educação pública do país. Era sobrinho de Sebastián Lerdo de Tejada. Foi autor da Lei Agrária de 1927, pela qual lutou.

13 De acordo com Robb (1980, p. 4), *A Vuelta de Correo* (1932), obra de Alfonso Reyes, é uma “carta aberta em que Reyes responde ao ataque de um compatriota Héctor Pérez Martínez” que o acusou de “desvinculación de México”. Grifos de Cecília Meireles.

14 Nessa mesma edição, foi publicado um artigo de Carlos Lacerda “Alfonso Reyes numa Conferência – Antes, algumas palavras à ‘Página de Educação’”, sobre o embaixador e a conferência que faria logo mais a convite do Club de Reforma dos Estudantes da Faculdade de Direito no salão de conferências da Biblioteca do Itamaraty (LACERDA, 04/05/1932).

da paz – palavras do Embaixador do México na comemoração do Dia Panamericano”, artigo publicado por Cecília sobre a conferência do embaixador mexicano no Teatro João Caetano, no dia 14 de abril de 1932.¹⁵ Em 1933, apenas uma crônica intitulada “El libro y el pueblo”, sobre publicação do Departamento de Bibliotecas da Secretaria de Educação, do México. Nos 31 meses de vigência da “Página de Educação”, o México foi assinalado, diretamente, em cerca de 41 publicações em que diferentes aspectos da educação foram ressaltados, inclusive com a reprodução de fotografias que devem ter sido fornecidas por Alfonso Reyes.

[...] a ‘Página de Educação’, que naquele jornal dirijo, desde a sua fundação, mantém um critério quase completamente antagônico ao do *Diário*. Enquanto, por exemplo, este vem sofrendo várias metamorfoses na sua orientação política, e fazendo-se dia a dia mais conservador, a Página, fiel a seus intuitos originais, continuaria a querer um programa de Nova Educação já exposto no Manifesto recentemente publicado, em que uma escola moderna, gratuita e leiga seja capaz de formar os homens que ainda não temos e sem os quais não vejo como este país poderia viver. Estas coisas eu digo a Alfonso Reyes – o amigo. E só, aliás, numa conjuntura tão delicada me atreveria a separá-la do outro amigo que é Alfonso Reyes – o embaixador. Julguei necessário expor-lhe esta minha situação jornalística, verdadeiramente ‘sui generis’ porque assim não só poderá compreender muitas coisas como terá, talvez, uma liberdade mais absoluta para quaisquer retificações que por acaso seja necessário fazer. (MEIRELES, 01/07/1932).

Os percalços da educadora combativa também eram confidenciados nas cartas. Ela compartilhava ao amigo os conflitos existentes entre as suas convicções educacionais, políticas e ideológicas e a direção dos jornais onde atuou na década de 1930 – o *Diário de Notí-*

cias e *A Nação*, inclusive comentando como se deu o desligamento dos dois periódicos, como anuncia no *Post Scriptum* da carta de 1º de abril de 1933:

Desde o dia 15 não trabalho mais na Nação onde uma política deplorável tentou derrubar a própria obra educacional a que estou ligada. Querendo, porém, servir-se daquele endereço, basta que encomende a remessa a meu marido, que continua desenhando lá. Nesse caso, far-me-á o obséquio de servir-se do nome de Correia Dias. (MEIRELES, 01/07/1932).

Longe dos jornais onde por quase três anos foi incansável em divulgar as concepções, as obras, as conferências, as entrevistas de educadores de países distintos e também as suas próprias ideias e convicções sobre a obra educacional do movimento da Escola Nova no Brasil e a realização revolucionária do México, vamos encontrar, nas cartas escritas no ano de 1933, uma Cecília que se atém apenas em comentários sobre as obras emprestadas e lidas, algumas vezes revelando os atrasos na devolução das mesmas. Agradece a gentileza e a paciência do seu interlocutor pela sua grande virtude “de estar sempre aumentando a alegria espiritual em redor de si” (MEIRELES, 22/05/1933).

A carta de 12 de setembro de 1934 retoma a conexão de assuntos relacionados à atividade profissional. Cecília informa sobre a próxima viagem que ela e Correia Dias farão a Portugal e tece planos de publicações e atividades a serem desenvolvidas na biblioteca infantil que encontrou em Alfonso um aguerrido parceiro para a sua criação. Em seu *Diário III*, Alfonso anota as atividades inerentes à organização da biblioteca. Cecília Meireles “trae su gran plan de Biblioteca Infantil Castellana” (REYES, 10/01/1934, p. 194). Logo à frente relata que ofereceu “[...] en la embajada un almuerzo a los jefes de misiones ibero-americanas para exponerlos su apoyo para el proyecto de

15 Vale destacar a coluna “Notícias e Comentários”, assinada por Carlos Lacerda, que, em diferentes ocasiões, traz informações sobre as conferências realizadas e a realizar de Alfonso Reyes.

la Biblioteca Infantil Iberoamericana de Cecilia Meireles – Anísio Teixeira, destinada a la enseñanza del español en Rio, a los niños de las escuelas primarias” (REYES, 23/03/1934, p. 199).¹⁶ Outros apontamentos no Diário registram a visita de Cecília na embaixada para discutir assuntos concernentes à inauguração, que aconteceu dias depois (REYES, 27/03/1934, p. 200). “Tarde – inauguracion Biblioteca Infantil en el Pabellón Mourisco, Cecilia Meireles, al que concurro” (REYES, 15/09/1934, p. 210). As anotações de Reyes nos permitem constatar que ambos construíram durante meses o projeto da biblioteca, com o apoio dos demais integrantes das embaixadas ibero-americanas e “a boa vontade do Anísio”, como Cecília afirmou a Fernando de Azevedo (MEIRELES, 07/03/1934).

Poucos dias após a inauguração da biblioteca, que ocorreu em 15 de agosto de 1934, Cecília e Correia Dias embarcariam para Portugal. Cecília anunciava a proximidade da viagem, informava as iniciativas realizadas na biblioteca e solicitava materiais a Alfonso Reyes para as atividades que fariam para comemorar o Dia do México. Confessava estar um pouco receosa sobre o destino que alcançariam a biblioteca nos próximos meses após uma visita de Anísio Teixeira e as revelações que fizera:

Como estarão todas essas coisas, quando nos encontrarmos de novo? Confesso-lhe que parto com certa apreensão sobre o destino do Centro de Cultura Infantil. O seu próprio êxito o ameaça. Anísio Teixeira esteve lá, segunda-feira última. E anunciou-me o seu projeto de fundar muitos outros,¹⁷ ao mesmo tempo, por toda a parte... Esta infeliz mania norte-americana de tudo fazer e pensar em série, estandardizado e medíocre. Que posso fazer? Trabalhar apenas, como aconselha Rodin para cura de todas as infelicidades... Trabalhar dobradamente: para de-

envolver o Centro, e para defende-lo daqueles mesmos que se interessam por ele (MEIRELES, 12/09/1934).

Sua maior preocupação era a proliferação de outras dezenas de bibliotecas e a perda dos objetivos e concepções com que fora criada a primeira. Talvez Anísio vislumbrasse o que foi feito no México com a criação de dezenas de bibliotecas por todo o país e quisesse recriar esse projeto no Distrito Federal, ainda que não dispusesse de verba para tanto.

A última coisa que me disse o Anísio foi isto: ‘Que lindíssimo discurso fez o seu amigo Alfonso Reyes!’ Esse seu amigo¹⁸ era uma espécie de queixa. Mas eu nem sempre me comovo... (...). Foi com essa cena de ciúmes administrativos que terminou a visita oficial. É bom, certo ciúme intelectual. Estimula. Faz sofrer. E eu estou ficando tão medieval que já me parece quase razoável o emprego de castigos corporais! (MEIRELES, 12/09/1934).

Havia algo no ar em relação a Anísio! Ela também expressara um certo desconforto em relação ao diretor da Instrução Pública a Fernando de Azevedo. Para Cecília, Anísio era prático demais e carecia de um “instinto de beleza que domina as contingências do útil” e mesmo a obra do educador, “possivelmente muito rica de detalhes práticos, aparece-me clara e fria como uma máquina. E eu já consigo viver sem felicidade; mas sem beleza creio que não o poderei” (Meireles, 07/03/1934).

As três últimas cartas, de 1935 e 1940, são muito breves, sobretudo aquelas escritas no México. “Dou-lhe três notícias no mesmo parágrafo: casei-me, vim dar um curso de verão na Universidade do Texas, e agora estou no México, por uns três ou quatro dias”. Com a carta, segue o livro *Viagem*¹⁹ com o qual recebera o prêmio da Academia Brasileira de Letras (ABL).

16 Esse objetivo não foi contemplado, sendo desenvolvido o que ela nomeou de “obra ibero-americana”, como afirmado durante entrevista concedida aos jornais cariocas.

17 Grifo de Cecília Meireles.

18 Grifo de Cecília Meireles.

19 A biblioteca de Alfonso Reyes tem apenas três livros de Cecília Meireles: *Nunca mais... e Poema dos poemas* (1923), *O espírito vitorioso* (1929) e *Viagem* (1939).

A última carta traz as suas despedidas e com ela encerram-se os diálogos de Cecília com o amigo mexicano.

Considerações finais

As cartas que Cecília Meireles escreveu a Alfonso Reyes são distintas das que escreveu para outros destinatários. Ainda que marcadas pela afetividade e uma admiração sempre declarada, percebe-se um certo distanciamento respeitoso, não apenas pelo gênero do destinatário. Talvez pela posição que ele ocupava, registram um menor teor de intimidade e confidencialidade. Numa época marcada pelas restrições às atividades femininas, possivelmente havia restrição no tratamento de determinados assuntos.

A correspondência, ainda que entre amigos, está mais afeita ao universo literário e educacional, às aspirações de intercâmbio cultural e espiritual entre os dois povos. Como afirma Foucault, pode se tratar de um certo “constrangimento” que a presença de outro exerce e “[...] a escrita o exercerá na ordem dos movimentos interiores da alma; nesse sentido, ela tem um papel muito próximo da confissão ao diretor espiritual”. Essa relação foi explorada por Ellison (2002, p. 109) para quem Reyes foi “um dos mentores” de Cecília, alegação que mereceria um maior aprofundamento.

Diferentemente das cartas que escreveu para Reyes, as enviadas para Fernando de Azevedo marcam uma maior intensidade nas referências de si. Revelam dúvidas, gostos, posicionamentos, crenças, valores e mantêm o interlocutor a par das atividades realizadas e a realizar, ainda que também tenham um ar menos solene e uma maior proximidade no tratamento. As intimidades não são reveladas e a escrita assume um tom mais filosófico que pessoal: “Pareço um tratado de filosofia, heim?” (MEIRELES, 07/03/1934). Cecília assu-

me postura diferente com interlocutoras como Henriqueta Lisboa para quem “[...] escreve sobre várias de suas mudanças e sobre as dificuldades de conciliar a administração da casa e os papéis sociais atribuídos à mulher e o exercício de uma intelectualidade ativa, exigida pelo papel de escritora” (PAIVA, 2010, p. 4).

A correspondência de Cecília Meireles encontra-se dispersa em bibliotecas, espólios, coleções e publicações e os pesquisadores pouco acesso tem à sua correspondência passiva. Somente a consulta ao seu acervo poderá oferecer mais informações sobre a sua vida e obra, bem como revelar outros interlocutores, até mesmo desconhecidos e ainda não estudados, sejam eles intelectuais, amigos ou familiares, última categoria apenas vislumbrada pela publicação de Moraes (2006). Sendo assim, outros aspectos da voz da mulher multifacetada: poeta, educadora e jornalista poderão surgir, contribuindo para uma maior compreensão da rede de interlocução construída pelos muitos lugares que ocupou e visitou ou apenas visitados pela sua pena, pelas suas ideias, pela sua poética e pelo seu lirismo inconfundível.

Referências

- ALONSO, Cecilia Laura. **Reflexo brasileiro em olhos mexicanos**. O Brasil em Monterrey, correo literario de Alfonso Reyes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.
- AZEVEDO, Manuela. **Cartas a João de Barros**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1970.
- CALLEJAS, César Benedicto. **Alfonso Reyes y la Revolución de Getulio Vargas en 1930**. Un caso de asilo político en tiempos de Pascual Ortíz Rubio. Revista da Facultad de Derecho de México, Ciudad de México, n. 259, p. 155-179, 2013. Disponível em: <https://revistas-colaboracion.juridicas.unam.mx/index.php/rev-facultad-derecho-mx>. Acesso em: 11/08/2022.
- CASTRO, Ruy. **Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

- CRESPO, Regina. Cultura e política: José de Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 187-208, julho, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/CmPQfJn7CWDQDtyYHFvF9hk/abstract/?lang=pt> Acessado em: 10 ago. 2022.
- CRISTÓVÃO, Fernando. A. **Cruzeiro do sul, a norte** – Estudos luso-brasileiros. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.
- ELLISON, Fred P. **Alfonso Reyes e o Brasil**. Um mexicano entre cariocas. Rio de Janeiro: Consulado General de México/Topbooks, 2002.
- FERREIRA, Rosangela Veiga Júlio. **Entre leitores, bibliotecas, campos e jardins**: Gabriela Mistral e Cecília Meireles em projetos de educação popular no México (1920) e no Brasil (1930). 2014. 304 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.
- GARCÍA GUTTÉRREZ, Rosa. Jóvenes y maestros: los Contemporáneos bajo la tutela de José Vasconcelos, Pedro Henríquez Ureña y Alfonso Reyes. **Anales de Literatura Hispanoamericana**, Madrid, 1998, n. 27, p. 275-296. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ALHI/article/view/ALHI9898110275A>. Acesso em: 6 jul. 2022.
- INSTANTÂNEOS, a lápis, de uma recepção a intelectuais na Legação da Bolívia. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro 20 de julho de 1930, p. 7.
- LAMEGO, Valéria. **A farpa na Lira**: Cecília Meireles na Revolução de 30. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996.
- MEIRELES, C. El libro y el pueblo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1933. p. 6.
- MEIRELES, C. Pulgarcito. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 de janeiro 1932. p. 4.
- MEIRELES, C. Uma recordação da juventude. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 6 de março de 1931. p. 7.
- MEIRELES, Cecília. **Baladas para El-Rei**. Rio de Janeiro: Ed. Brasileira Lux, 1925.
- MEIRELES, Cecília. **Carta a Alfonso Reyes**, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1934. Capilla Alfonsina, Cx. 1626.
- MEIRELES, Cecília. **Carta a Alfonso Reyes**, Rio de Janeiro, 1º de julho de 1932. Capilla Alfonsina, Ciudad de México. Cx. 1626.
- MEIRELES, Cecília. **Carta a Alfonso Reyes**, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1933. Capilla Alfonsina, Ciudad de México. Cx. 1626.
- MEIRELES, Cecília. **Carta a Alfonso Reyes**, Rio de Janeiro, 5 de maio de 1932. Capilla Alfonsina, Ciudad de México. Cx. 1626.
- MEIRELES, Cecília. **Carta a Fernando de Azevedo**, 7 de março de 1934 (FA - Cp. Cx. 21, 71/1). IEB-USP.
- MEIRELES, Cecília. **Cartas a Alfonso Reyes (1931-1940)**. Capilla Alfonsina, Ciudad de México. Cx. 1626.
- MEIRELES, Cecília. **Cecília e Mário** - Correspondências. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- MEIRELES, Cecília. **Espectros**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro e Maurillo, 1919.
- MEIRELES, Cecília. **Nunca mais... e Poemas dos poemas**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1923.
- MEIRELES, Cecília. **O Espírito Vitorioso**. Tese apresentada ao concurso da cadeira de Literatura da Escola Normal do Distrito Federal. Rio de Janeiro: Tipografia do Anuário do Brasil, 1929.
- MENDES, Debora de Souza. **Ouro Preto**: a cidade das letras no Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meireles. 2013. 89 p. Dissertação (Mestrado em Letras-Estudos Literários) – Programa de Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2013.
- MIGNOT, Ana Chrystina. O carteiro e o educador práticas políticas na escrita epistolar. **Revista Brasileira de História de Educação**, Maringá, v. 5, n. 2, p. 45-69. julho-dezembro, 2005. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38645>. Acesso em: 3 jul. 2022.
- MORAES, Marcos Antonio de. (Org.) **Três Marias de Cecília**. São Paulo: Moderna, 2006.

MYERS, Jorge. Gênese “ateneísta” da história cultural latino-americana. **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, n. 1. pp. 9-54. junho 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/Lpbhvz67GGctkBgwzdMmbg/?lang=pt> Acesso em: 3 jul. 2022.

PAIVA, Kelen Benfenatti. **Histórias de vida e amizade: as cartas de Mário, Drummond e Cecília para Henriqueta Lisboa**. 2006. 186 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PIMENTA, Jussara Santos. **As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)**. 2008. 374 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PIMENTA, Jussara Santos. Educação para a paz: construir o mundo que se espera. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, n. 53, p. 83-96, 2018. Disponível em: <https://ojs.up.pt/index.php/esc-ciie/article/view/66>. Acesso em: 3 jul. 2022.

PIMENTA, Jussara Santos. Vestígios autobiográficos na escrita de viagem: o “Diário de Bordo” (1934). **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 05, p. 343-358, maio/ago, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3432>. Acesso em: 3 jul. 2022.

PRATES, Miriane Santos. **Animais escritos: a aranha e o cavalo no Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meireles**. 2020. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras-Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras-Estudos Literários, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2020.

REYES, Alfonso Ochoa. **Carta a Carlos Pellicer**. Acervo da Capilla Alfonsina, Ciudad de México, México, s.d.

REYES, Alfonso Ochoa. **Diário III**, 5 de abril de 1930 – Montevideo, 30 de junho de 1936. México: Academia Mexicana de la Lengua. El Colegio de México, El Colegio Nacional, FCE, Capilla Alfonsina, UAM, UANI, UNAM, 2011.

REYES, Alfonso Ochoa; UREÑA, Pedro Henriquez.

Correspondencia. 1907-1914. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1986.

ROBB, James Willis. Alfonso Reyes y Cecília Meireles: una amistad mexicano-brasileña. **Revista Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, n. 6, v. 2, p. 209-213. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/30626>. Acesso em: 3 jul. 2022.

SACHET, Celestino. **A lição do Poema: cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues** Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

SAMPAIO, Claudia Dias. **Diálogos, afetos e pensamento lírico: a poesia de Cecília Meireles**. 2013. 213 f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura-Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SAMPAIO, Claudia Dias. La correspondencia entre Brasil y México en la poesía: Cecília Meireles y Alfonso Reyes. In: TREVIÑO GARCÍA, Blanca Estela; MOLANO NUCAMENDI, Horacio. (Orgs.). **Indagaciones alrededor de las literaturas del yo**. Miradas colectivas, caminos personales. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2018.

SARAIVA, Arnaldo. **O modernismo brasileiro e o modernismo português**. Subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Porto: [s.n.], 1986. p. 92-96.

SENA, Yara Maximo de. **Olhinhos de Gato, de Cecília Meireles: história(s) de uma obra**. 2021. 144 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

SILVA, Denilson de Cássio. **Cecília Meireles e o humanismo cívico: Palavras e práticas de um ideário político (Brasil Sudeste, 1915-1964)**. 2021. 364 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SILVA, Denilson de Cássio. Pacifismo, educação e dimensões políticas na América Latina: Cecília Meireles em diálogo com Alfonso Reyes (Rio de Janeiro, década de 1930). **Em Tempos de Histórias**, Brasília,

PPGHIS/Unb, n. 32, jan./jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/14709>. Acesso em: 6 ago. 2022.

SILVA, Rosiane Viana. **Entre documentos, cartas e crítica: os bastidores da criação do Romanceiro da Inconfidência**. 2012. 184 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Crítica da Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, São João Del Rei, 2012.

VALUPI, Maria. **Antologia**. Lisboa: Quasi, 2007.

VIOLI, PATRIZIA. La intimidad de la ausencia: formas de la estructura epistolar. **Revista de Occidente**, Madrid, 68 (1987): 87-99. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/382463554/Violi-P-La-intimidad-de-la-ausencia-pdf>. Acesso em: 6 ago. 2022.

Recebido em: 20/09/2022

Revisado em: 28/11/2022

Aprovado em: 04/12/2022

Publicado em: 15/12/2022

Jussara Santos Pimenta é doutora e pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do curso de Pedagogia do Departamento de Ciências da Educação (DED) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEEProf), da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Líder do MNEMOS – Grupo de Estudos Interdisciplinares em Educação, História e Memória. E-mail: jussara.pimenta@unir.br